

CAPITALISMO, POLÍTICA E RELIGIÃO: TESTEMUNHAS DE JEOVÁ E A REVOLTA CONTRA A MODERNIDADE

CAPITALISM, POLITICS, AND RELIGION: JEHOVAH'S WITNESSES AND THE REVOLT AGAINST MODERNITY.

Estevam Dedalus Pereira de Aguiar Mendes
Doutor em Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal, Brasil
estevam_dedalus@yahoo.com.br
 <https://orcid.org/0000-0001-8868-8441>

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

Este artigo discute os processos históricos e os aspectos sociológicos da doutrina dos três instrumentos do diabo das Testemunhas de Jeová, a partir da análise de livros religiosos e do trabalho historiográfico de James M. Penton. A doutrina é uma elaboração teológica que concebe o capitalismo, a política e as religiões como criações malignas. Ela enfatiza negativamente o lucro e a competição, afirmando que a comunidade deve prevalecer em relação ao indivíduo. A democracia é repudiada em detrimento da teocracia, vista como o único sistema político justo. Os membros da religião são orientados a não participarem de eleições ou votar nulo, assim como a rejeitar os símbolos nacionais. A hipótese deste trabalho é que a conquista da felicidade e da salvação para as Testemunhas de Jeová pressupõem um pacto contra a democracia, as instituições e os valores modernos. Numa forma comprometida de negação da Modernidade.

PALAVRAS-CHAVE: Testemunhas de Jeová. Capitalismo. Política. Modernidade.

ABSTRACT

This article discusses the historical processes and sociological aspects of the doctrine of the devil's three instruments of Jehovah's Witnesses, based on an analysis of religious books and James M. Penton's historiographical work. The doctrine is a theological elaboration that conceives capitalism, politics, and religions as evil creations. It negatively emphasizes profit and competition, affirming that the community should prevail over the individual. Democracy is repudiated in favor of theocracy, seen as the only just political system. Members of the religion are instructed not to participate in elections or cast null votes, as well as to reject national symbols. The hypothesis of this work is that the achievement of happiness and salvation for Jehovah's Witnesses presupposes a pact against democracy, institutions, and modern values, in a committed form of negation of Modernity.

KEYWORDS: Jehovah's Witnesses. Capitalism. Politics. Modernity.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma discussão sociológica sobre a doutrina dos três instrumentos do diabo das Testemunhas de Jeová e suas relações com a Modernidade. O pressuposto adotado é o de que a compreensão dos modos de pensamento requer uma investigação sobre suas origens e sentidos sociais. Como observou Mannheim (1968), o fato de apenas o indivíduo ter a capacidade de pensar, não significa que as ideias e os sentimentos tenham origens meramente individuais. Mesmo que não seja possível afirmar a existência de um ente metafísico como, por exemplo, uma mente coletiva, as ideias possuiriam bases históricas e sociais.

A doutrina dos três instrumentos do diabo é uma elaboração teológica que concebe o capitalismo, a política e as religiões como instituições demoníacas. A economia voltada para o lucro e o individualismo são por ela rejeitados, assim também a democracia que é tratada como um regime político inferior à teocracia. A hipótese principal deste trabalho é que as Testemunhas de Jeová concebem a salvação e a felicidade a partir de uma relação de oposição aos valores modernos, fulcrada em ideais fundamentalistas.

A investigação, de caráter bibliográfico, se apoia na historiografia de James M. Penton e na análise de publicações religiosas oficiais das Testemunhas de Jeová, com destaque para os livros *Riqueza e Milhões Que Agora Vivem Jamais Morrerão*, de Joseph Franklin Rutherford, segundo presidente da Sociedade Torre de Vigia, responsável pela formulação da doutrina dos três instrumentos do diabo.

2 MODERNIDADE, SECULARIZAÇÃO E FUNDAMENTALISMO

O dilemas morais se instalam em situações de incerteza na qual indivíduos tomariam consciência de que suas ações podem produzir efeitos bons e maus, predominando um grau maior de reflexividade. É importante interrogar se, numa sociedade com alto grau de reflexividade, os compromissos e julgamentos morais seriam afetados pelo aumento das incertezas e do risco.

Giddens (1991) argumenta que os desdobramentos da modernidade acarretaram o aumento substancial do nível de reflexividade humana; a progressiva destruição da tradição e a valorização desmedida dos indivíduos. Nesse cenário o indivíduo é uma espécie de “artista total” responsável por dirigir, encenar e escrever seu próprio projeto de vida para um mundo instável e inseguro. Apesar da confiança está ligada à fé, isso não significa que

sejam idênticas. A confiança só pode ser compreendida em relação ao risco. É uma noção essencialmente moderna que se despiu de qualquer determinismo. Apenas na modernidade passamos a crer que somos os verdadeiros responsáveis por nossas ações. Ao mesmo tempo em que não temos garantia absoluta de que nossas decisões sairão do modo como previmos. Algo distinto do que acontecia com os antigos para quem a ideia de fortuna desempenhava um papel predominante. Os mitos e as tragédias gregas são fiéis testemunhas de um mundo movido pelo destino.

A vida social contemporânea é dominada pela incerteza e a fragmentação, retirando dos indivíduos qualquer expectativa de continuidade. A contingência foi elevada à condição de princípio ordenador da realidade. Nesse cenário, Chauí (2006) perceberá no fundamentalismo religioso uma tentativa de neutralizar a efemeridade por meio do sacrifício da autonomia individual e da reflexividade.

Na visão de Chauí (2006), o processo moderno de secularização e desencantamento do mundo privou a religião do espaço público. Ela passou, então, a figurar na esfera privada e de foro íntimo, sendo retratada como “fóssil” de uma era menos racional da humanidade. O novo arranjo elegeria o mercado com novo produtor de *ethos* e coesão social. Porém, ao passo que a lógica do mercado é instrumental, individualista e excludente, tende a criar contraproducentemente mais incertezas e fragmentação. A tentativa de solapar a religião por meio do mercado e da ciência teria sido assim inócua.

No mundo em que a lógica do efêmero e do descarte são princípios angulares, a busca por segurança, felicidade e verdades eternas se tornou um desejo difícil de ser saciado. As religiões se deparam com a posição hegemônica da racionalidade científica, que atira para a esfera da irracionalidade as questões relativas a valores. Arendt (2009) já havia observado como a noção de *animal rationale* acabou sendo monopolizada pela ciência moderna. Nessa versão de uma velha história, o que nos faz uma espécie diferente dos outros animais ainda é a razão, agora gerenciada pelo saber científico. Capaz, sobretudo, de conter nossos instintos animais e aplacar os efeitos colaterais.

Não podemos esquecer a grande quantidade de correntes e visões religiosas. Cada uma com explicações particulares da realidade, reivindicando para si a verdade sobre a natureza das coisas. As religiões se deparam ainda com a predominância da racionalidade instrumental, um Estado laico e uma feroz concorrência religiosa – diz Chauí (2006) – que produziria uma situação na qual as vertentes religiosas observariam umas as outras e também a ciência como rivais.

Na visão de Weber (2003), a modernidade nos lançou fora do fluxo orgânico da vida. Ao contrário de um personagem histórico como Abraão e dos antigos camponeses que podiam experimentar a sensação de plenitude, devido à tradição e à importância dos ciclos naturais. O indivíduo moderno não seria capaz de se sentir pleno de vida, já que o fluxo do progresso significaria novidades tecnológicas, acúmulos de novos conhecimentos, transformações das cidades, dos estilos de vida e dos valores. No entanto, nada o impede que se sinta “cansado da vida”, já que experimenta o instantâneo e nunca a totalidade. Ele é tomado por uma sensação de incompletude, de ausência. Sua felicidade é fugidia.

(...) Como a morte não faz sentido, também a vida do civilizado não o faz. Já que a “progressividade” sem significação faz da vida um acontecimento igualmente sem significação. Nas últimas obras de Tolstói, por toda parte se encontra esse pensamento, que dá estilo à sua arte (Weber, 2003, p.39).

Berger (1983) concorda que os efeitos da secularização se estendem às consciências individuais, o que pode ser constatando no aumento daqueles que depositam pouca ou nenhuma confiança em sistemas religiosos. A pluralidade e a racionalidade, ao multiplicar as possibilidades de significação, ajudaram a criar um mundo mais instável e incerto. Atrelado a isso, o processo de “individualização” fez com que as questões relativas a crenças religiosas e valores morais fossem deslocadas para a dimensão do foro-íntimo; da escolha ou preferência individual. A “privatização do sagrado” acabaria diminuindo o raio de influência religiosa sobre a vida individual.

Tal processo quebraria a longa jornada histórica marcada pelo monopólio religioso sobre os mecanismos de legitimação da vida social. A secularização fez crescer a competição pelo direito de atribuir sentido último às coisas, dentro e fora do terreno religioso. É a partir dessa ideia que Berger (1983) pensa a existência de um mercado religioso, baseado numa lógica de oferta e procura de bens simbólicos. Diante desse cenário plural a submissão religiosa perderia seu caráter tradicional-compulsório, passando a ser menos segura.

O caminho fundamentalista, por sua vez, orienta-nos para o encontro com verdades absolutas, valores pretensamente universais que estariam anuviados pela fugacidade e o relativismo dos tempos de hoje. Ao mesmo tempo uma revolta contra aspectos da modernidade como racionalidade científica, a tecnocracia e a secularização, como o individualismo e a pluralidade. A receita fundamentalista para se obter segurança e felicidade prevê a negação das diferenças e da autonomia individual.

É importante perceber o fundamentalismo não como um movimento que visa uma volta ao passado e a tradição, suas pretensões são movidas pelo desejo de modificar a

sociedade atual. Segundo Castells (2006), o discurso fundamentalista se tornou uma das mais poderosas formas de construção de identidade no mundo contemporâneo; ele gravita em torno de ideias como a crença de que a família, o casamento e o Estado, entre outras instituições sociais, estão fundamentadas em leis divinas – estas seriam adequadamente interpretadas por um corpo de sábios intermediários investidos pelo poder de Deus. Seria próprio ao campo religioso a separação entre os detentores do monopólio sobre o sagrado e os leigos.

Bourdieu (2011) afirma que haveria uma disputa entre os diferentes tipos de representação religiosa; uma batalha pelo monopólio da legitimidade sobre o sagrado que incluiria o desenvolvimento de competências eruditas e mágicas, supostamente exclusivas ou pertencentes a uma linhagem do passado. Nos casos em que a correlação de forças é bastante desigual, algumas linguagens religiosas podem ser desacreditadas e reduzidas à condição de profanas. A sobrevivência religiosa significará algum tipo de resistência, isto é, uma contenda pela posse “dos meios legítimos de produção religiosa”.

Justamente por isso que o olhar fundamentalista sobre o passado é uma maneira de legitimar suas ações no presente. Ele aciona “valores eternos” da tradição para investi-los no aqui e agora. Evidentemente que a retomada da tradição ocorre de modo arbitrário, de acordo com os anseios coletivos e as particularidades teológicas e históricas. As Testemunhas de Jeová reivindicam a condição de única religião verdadeira e afirmam que o cristianismo esteve manchado pelo paganismo depois da morte dos apóstolos, sendo restaurado apenas na era moderna, em 1870.

De acordo com Castells (2006), o fundamentalismo religioso de matriz cristã está baseado em um núcleo de dogmas essenciais. Entre eles se destacariam a crença na infalibilidade da Bíblia enquanto expressão inefável dos conhecimentos e desejos de Deus, a expectativa de que Jesus Cristo deve retornar em breve e a ideia de que a salvação pessoal só é realizável através da fé e da observação irrestrita das regras morais religiosas. Podemos notar, assim como fez Panasiewicz, o caráter não “hermenêutico” do fundamentalismo, que negaria a modernidade em seus aspectos culturais e reflexivos, mas sem abrir mão de suas conquistas tecnológicas.

Os fundamentalistas estão bastante interessados em preservar a suas doutrinas, rejeitando a todo custo ter que relativizá-la. É possível afirmar que os textos sagrados são lidos denotativamente, considerados a expressão universal dos propósitos e saberes divinos. A “não-hermenêutica”, segundo Panasiewicz (2008), impediria qualquer tentativa de obtenção da verdade que não esteja baseada no roteiro definido pela Bíblia. Não

existiria, desse modo, outro caminho para a verdade e a conquista da felicidade. Cabe aos indivíduos fazerem a leitura certa; essa os conduzirá à bem-aventurança. O hermetismo é peça chave na produção da intolerância e da negação das diferenças.

Não podemos esquecer que o fundamentalismo também é uma reação ao pensamento teológico liberal que ganhou força na Europa no final do século XIX e começo do século XX. Panasiewicz (2008) deixa bem claro como o cristianismo passou a incorporar várias conquistas da modernidade com o surgimento de teólogos como Albert Ritschl, Otto Pfleiderer e Adolf von Harnack. Suas ideias estavam imbuídas de um respeito ao racionalismo moral, às conquistas democráticas e ao discurso científico. Desse modo, teólogos norte-americanos protestantes contrários a essas inovações passaram a atacar tais ideias e o método histórico-crítico como meio adequado para a leitura das escrituras sagradas.

O principal medo dos conservadores era que essa maneira de compreender as escrituras e a moral colocasse a perder o núcleo básico das verdades cristãs, de existência secular. Acreditavam assim que a Bíblia deveria ser lida quase sempre de modo literal, sem que se permitisse espaço para extrapolações ou relativizações hermenêuticas. A segunda volta de Cristo é um dos pontos mais importantes desse pensamento assim como a crença na criação do mundo como descrita no livro de Gênesis.

Panasiewicz (2008) lembra ainda que o livro **The Fundamentals: A Testimony to the Truth (Os Fundamentos: Um Testemunho da Verdade)** que condensaria as principais ideias desse pensamento foi publicado entre 1909 e 1915. Teria contado com o financiamento de Lyman Stewart, o mesmo que fundou a *Union Oil Company*. A publicação traz o núcleo duro da fé dos fundamentalistas:

Para se ter ideia do conteúdo publicado nesses volumes, seguem nove pontos que buscam condensar esta reflexão: a inspiração e a inerrância da Bíblia; a Trindade; o nascimento virginal e a divindade de Cristo; a queda do homem e o pecado original; a morte expiatória de Cristo para a salvação dos homens; a ressurreição corporal e a ascensão; o retorno pré-milenar de Cristo; a salvação pela fé e o novo nascimento e o juízo final. (PANASIEWICZ, s/d, p. 5-6)

Abrir mão da autonomia individual seria um meio para lograr uma vida planejada, segura e feliz, com recompensas que se estenderiam por este e para além deste mundo. A planificação da vida é totalizante, abarcando esferas como a sexualidade, a família e o trabalho. Castells (2006) acredita que o fundamentalismo não é necessariamente baseado em interesses de classes ou questões relativas a território. Na sua visão, as questões levantadas são mais de ordem moral do que qualquer outra coisa. Ele quer dizer com isso

que as ações políticas desses grupos visam prioritariamente conservar determinados valores morais. Em reação direta aos efeitos da globalização, como o aumento das incertezas e a crise do patriarcalismo.

Há aqui também uma busca por justiça, de correção dos males da existência e da sociedade. O fundamentalismo pode aparecer combinado a ideias milenaristas messiânicas, como é o caso das Testemunhas de Jeová, para as quais a submissão total às regras religiosas significará uma recompensa de felicidade eterna iminente.

As seitas e religiões milenaristas conservam ao mesmo tempo desejo radical de mudança, abjeção da realidade e ambição descomunal pela felicidade. A essência dos milenaristas reside na esperança de transformação radical do mundo e, com efeito, na extirpação de toda impureza e maldade que o corrompe. Este não é um pensamento exclusivo de seitas ou religiões, mas também comum a movimentos políticos utópicos de caráter anarquista. Segundo Hobsbawn (1983), o milenarismo só floresceu em culturas influenciadas pelo messianismo judaico-cristão. Não teria sido possível em tradições que concebem o devir ou a estaticidade como princípio ordenador do mundo, estando ausente no hinduísmo e budismo.

Apesar dos movimentos milenaristas terem como base o messianismo judaico-cristão, não há consenso de como será o novo mundo e quais são os procedimentos necessários para alcançá-lo. As Testemunhas de Jeová, por exemplo, demonizam a política, a autonomia individuais, as religiões e o dinheiro. O conserto do mundo partirá de Deus, não dos homens. Essas ideias ganharam força com a ascensão de Joseph Franklin Rutherford à condição de líder da organização religiosa, e a consequente elaboração da doutrina dos três instrumentos do diabo, que discutiremos mais adiante. Antes disso, é preciso sabermos um pouco sobre quem foi Rutherford, o contexto em que assumiu o poder e as importantes reformas que promoveu.

3 A ASCENSÃO DE RUTHEFORD

A morte de Charles T. Russell, fundador das Testemunhas de Jeová, em outubro de 1916, pegou muitos dos seus seguidores de surpresa¹. Ele que esteve envolvido na movimento na segunda onda de revivificação religiosa que aconteceu Estados Unidos entre 1790 e 1840, se tornaria, na segunda metade do século XIX, uma figura de proeminência

1 Nessa época as Testemunhas de Jeová se chamavam Estudantes da Bíblia.

no país ao lado de nomes como Ellen G. White e Joseph Smith Jr. Poucos imaginavam que Russell não chegaria a presenciar o Armagedom que, até seu último dia e vida, pensava ser algo iminente. Penton (1997) afirma que apesar de o fim não ter ocorrido em 1914, como ele havia previsto, a Primeira Guerra ajudou a manter viva a fé religiosa.

O sucessor de Russell se chamava Joseph Franklin Rutherford, o responsável por uma mudança radical na história da organização. Ele foi um advogado rígido, de personalidade forte e autoritária, de pele branca, alto, voz rouca, e desde sempre envolvido em polêmicas. Segundo Penton (1997), era demasiadamente enérgico. Autocrático com os amigos e inexorável com os adversários. Seu temperamento, de tal modo irascível, não surpreenderia ninguém se chegasse ao confronto físico por alguma questiúncula teológica.

A transição de poder não foi nada tranquila. Disputas internas encarniçadas se somariam as duras perseguições que os Estudantes da Bíblia sofreram, com a entrada dos EUA na Primeira Guerra Mundial, criando um ambiente caótico. Rutherford chegou a ser preso em 1919 com outros membros da igreja sob a acusação de incentivar a deserção militar. O episódio foi o momento do ápice de instabilidade de seu poder. Isso, porém, não impediu que fosse reeleito na prisão.

Rutherford questionou as orientações testamentadas deixadas por Russell a respeito da sucessão, empreendendo uma política de perseguição e expurgos de seus opositores que resultou num grande cisma. Progressivamente, aumentou o sectarismo da organização e suprimiu, um por um, seus mais destacados elementos democráticos, estabelecendo uma espécie de teocracia. Os anciãos² congregacionais perderam a autonomia e deixaram de ser eleitos, passando a ser escolhidos diretamente pela Sociedade Torre de Vigia.³ Houve uma época em que eles podiam discordar de alguns ensinamentos e, se desejassem, abrir novas eclesias filiadas aos Estudantes da Bíblia, sem que isso resultasse em expulsão da organização.

Penton (1997) conta que Rutherford alterou o sistema de reuniões congregacionais, tirando dos anciãos a autonomia em relação à elaboração e escolhas de temas dos discursos. A partir de então o estudo da Revista A Sentinela se tornou obrigatório, assim

2 Os anciãos são líderes religiosos responsáveis por gerir as congregações. Possuem a responsabilidade de presidir reuniões, dar discursos, aconselhar os membros em questões espirituais e pessoais, supervisionar os trabalhos, investigar e punir casos de desvio de conduta.

3 A Sociedade Torre de Vigia é a organização legal que serve como entidade administrativa das Testemunhas de Jeová. Foi fundada em 1884 por Charles Taze Russell e sua sede mundial está localizada em Warwick, Nova York, nos Estados Unidos. Ela é responsável pela publicação de materiais religiosos das Testemunhas de Jeová, incluindo revistas, livros e panfletos. Também fornece orientação religiosa aos membros da organização, além de gerenciar suas finanças e propriedades.

como as reuniões que visam preparar para o serviço de pregação porta em porta. O isolamento em relação ao restante da sociedade foi cada vez mais incentivado, os membros da organização eram estimulados a ter uma vida entre os polos do dever religioso e do trabalho secular.

Penton (1997) também destaca um recrudescimento no discurso de ódio aos Estudantes da Bíblia que se opuseram ao novo regime, sempre retratados como iníquos ou apóstatas. A doutrina da salvação ficou mais exclusivista, passando a afirmar que pouquíssimas pessoas seriam salvas e personagens bíblicos como Adão e Eva e habitantes de Sodoma e Gomorra não seriam ressuscitados. Outra alteração doutrinária importante foi a introdução do ensinamento que dizia que todas as pessoas que se opusessem à mensagem religiosa da organização seriam destruídas. Como a ideia de que crianças de colo que fossem mortas no Armagedom não teriam a graça da ressurreição. Nesse época foram abolidas as comemorações de Natal e festas de aniversário, até hoje descritas como práticas pagãs.

A vitória de Rutherford significou o estabelecimento de um governo teocrático, centralizado e autoritário. Esse novo sistema administrativo criou os congressos de zonas – que compreendiam um conjunto de congregações – como forma de exercer um controle maior sobre o “rebanho”. Na visão de Penton (1997) – a qual endosso – esse sistema gerou uma hierarquia, guardadas as proporções, semelhante à da Igreja Católica e sua distribuição de poder verticalizada.

Na medida em que o tempo passava, as pessoas de mentalidade mais livre foram abandonando a organização. Tornaram-se raras no final da década de 1930. Qualquer discordância, desde então, foi suprimida. Os opositores acabariam estigmatizados como semeadores de apostasia e expulsos. A tendência foi o surgimento de uma massa homogênea de seguidores, extremamente fiel e crédula. A autoridade central se tornou inquestionável.

4 OS TRÊS INSTRUMENTOS DO DIABO

Rutherford formulou uma doutrina que definia com clareza os três instrumentos do Diabo na Terra e a importância de serem evitados por quem deseja alcançar a vida eterna. Seriam eles: a) o capitalismo; b) a política; c) a religião.

No livro **Riqueza**, publicado em 1936, ele faz uma distinção das riquezas verdadeiras e falsas. As primeiras poderiam ser obtidas pela aquisição do conhecimento bíblico e é fonte de felicidade plena. A segunda não passa de fogo-fátuo. Os dois caminhos se apresentam aos homens em sua trajetória de vida. Cabem exclusivamente a eles decidirem por onde seguir. Vejamos uma passagem do livro:

As falsas riquezas, que consiste de dinheiro, casas e terras, adquiridas por meios egoísticos e à custa de outros, é sempre empregada para oprimir outras pessoas. No tempo atual apenas poucos homens possuem a maior parte do dinheiro, das casas e das terras; no entanto a grande massa sofre necessidades, por não ter o suficiente para a vida diária. Riquezas desta natureza, adquiridas de modo egoístico e usadas de modo errôneo, são descritas na Bíblia como “lucro vergonhoso” (RUTHERFORD, 1938, p. 8-9).

Esse discurso foi mal acolhido nos Estados Unidos pelos defensores da economia de mercado, o que renderia a fama de que as Testemunhas de Jeová são defensoras de ideais marxistas ou socialistas⁴. Penton (1997) diz, porém, que tanto os políticos de esquerda como os de direita eram odiados por elas e que davam como certa a sua destruição no Armagedom. Esse sentimento ainda é muito atual.

É curioso como a doutrina passou a enfatizar negativamente o lucro, a competição e a crença que a comunidade deve prevalecer em relação ao indivíduo. Um detalhe importante: para Rutherford o dinheiro não é um mal em si, mas um meio para a maldade. O poder imensurável que oferece aliado à ganância pela usura são as consequências negativas de sua posse. Essa proposição ética assume uma conotação utilitária ao fazer do “comportamento útil” o “comportamento certo”.

Bertrand Russell (1977) observa que mesmo quando a ética está fundada na observância da revelação, não é raro que os argumentos usados a seu favor sejam de ordem utilitária. Isso ocorre, em parte, por questões lógicas e morais. Caso tomemos como princípio a ideia que a base da moralidade são os decretos divinos, seria possível concluir que estes poderiam ser outros se o criador assim quisesse. Não haveria nenhuma razão além da volição divina:

Os teólogos têm ensinado sempre que os decretos de Deus são bons, e que isso não é mera tautologia; segue-se que a bondade é logicamente independente dos decretos de Deus. Deus não poderia ter obrigado a matar, visto que esse decreto teria más consequências. (RUSSELL, 1977, 46-46).

4 Atualmente Karl Marx é retratado pelas Testemunhas de Jeová como o criador de uma religião ou forma de adoração do Estado. Sobre o assunto, recomendo a leitura do livro: **Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino** (p. 40-41).

A moderna organização da vida social produziu as condições necessárias para que a posse de dinheiro, o desejo pelo lucro e a competição sobressaíssem. Na economia de mercado capitalista, o dinheiro se tornou o equivalente universal com o poder de subsumir as singularidades dos seres. Uma abstração. Adorno e Horkheimer (1997), ao refletirem a respeito da racionalidade instrumental que subjaz a cultura do dinheiro, perceberam o nascimento de uma forma de pensar que, ao negar a possibilidade de sentido às coisas, trocou o conceito pela fórmula. A causa e a regra pela probabilidade. Todo mistério acabou relegado ao limbo da “irracionalidade metafísica”. Devaneio de uma época atrasada do desenvolvimento. O que foge do domínio da operação e não se deixa apreender pelo cálculo e a utilidade é descartado.

Poucos, como Simmel (1998), captaram os efeitos da cultura do dinheiro e da racionalidade instrumental na subjetividade humana. Para a modernidade, o indivíduo é um valor em si. As múltiplas possibilidades a que está submetido precipitaram um descompasso histórico e o afrouxamento dos laços comunitários. Nenhuma outra forma de organização social promoveu tamanha autonomia individual. O aumento das alternativas individuais – como vimos anteriormente – implicou em maior liberdade que, por sua vez, resultou em mais responsabilidade, riscos e insegurança. Nesse cenário o dinheiro se apresenta como meio para a realização das aspirações humanas de felicidade e, por isso, é abominado pelas Testemunhas de Jeová:

Os homens que se esforçam desta maneira, a fim de tirar o que os ricos da terra possuem, são infelizes e extremamente egoístas. Aqueles que já possuem muitas riquezas materiais, e também aqueles que estão ansiosos por obtê-las, são dirigidos por impulsos egoísticos; se assim prosseguirem, com certeza terão bem depressa grande desapontamento: “Não confieis na opressão, e não vos vanglorieis na rapina. Se as riquezas aumentarem, não ponhais nelas o coração.” (Salmo 62: 10)... (RUTHERFORD, 1938, p. 10).

O mundo contemporâneo se afastou da visão da cristandade sobre o “eu” que antes era visto como algo que precisava ser rejeitado ou controlado. Segundo Giddens (1991), vimos o nascimento de um novo “eu” que precisa ser decifrado e sua verdade desvelada, jamais suprimida. Ele chama tal momento de “culto californiano do eu”. O caminho para a verdade seria autoconhecimento, a partir da rejeição de tudo que pode obscurecer a subjetividade.

As Testemunhas de Jeová, porém, concebem Deus como fonte de toda a verdade. O Criador do Universo é descrito, então, como um pai sensível aos sofrimentos de seus filhos; infinitamente sábio e bom, mas livre de qualquer responsabilidade por suas condutas.

Não haveria como não confiar em seus ensinamentos, a menos que sejamos pessoas ingratas ou tolas.

Deus odeia a política. Essa é uma ideia comum entre as Testemunhas de Jeová, para quem os governos humanos estão sob o controle dos demônios. Em eleições democráticas elas optam pelo voto nulo ou pela abstenção⁵. Dizem que dessa forma assumiriam uma posição de neutralidade. Um dos principais problemas dos governos humanos seria a instabilidade causada pela alternância de poder⁶ e por leis provisórias ou relativizáveis. O argumento é que a história demonstrou sermos incapazes de nos autogovernar, todas tentativas desde tempos imemoriais teriam malogrado. O livro **Raciocínios à base das Escrituras**, publicado pela Sociedade Torre de Vigia⁷, é bem claro quanto a isso:

Não é verdade que, quando há eleições livres, de modo geral em relativamente poucos anos, se vota para tirar do cargo os que estão com autoridade? Por quê? A maioria não está satisfeita com o desempenho deles. Sal. 143: 3-4: “Não confieis nos nobres, nem nos filhos do homem terreno, a quem não pertence a salvação. Sai-lhe o espírito, ele volta ao solo; neste dia perecem deveras os seus pensamentos”. (Portanto, quaisquer programas para melhoria que os governantes instituem passam logo para as mãos de outros e com frequência são abandonados). Não importa quem seja o governante, ainda fazem parte deste mundo que jaz no poder de Satanás – 1 Pedro 5:9. (p.179).

A doutrina da teocracia como forma de governo mais elevada foi estabelecida por Rutherford, segundo presidente da Sociedade Torre de Vigia, e continua viva até os dias de hoje. Ela produziu desdobramentos práticos na administração dessa organização religiosa. A Sociedade Torre de Vigia nega que tal arranjo se trate de uma manobra política de centralização do poder. Vejamos o que diz o livro **Proclamadores do Reino**, publicado pela Sociedade Torre de Vigia:

Contudo, alguns diziam que, com a instituição dessa mudança organizacional, J. F. Rutherford estava simplesmente procurando obter maior controle sobre as Testemunhas e que usava esse meio para consolidar a própria autoridade. Era esse mesmo o caso? Não resta dúvida que o irmão Rutherford era um homem de fortes convicções. Ele falava francamente e com vigor, e sem abrir mão, em defesa daquilo que ele cria ser a verdade. Ele chegava a ser bastante brusco ao lidar com situações quando percebia que as pessoas estavam mais interessadas em si do que

5 Em tese a decisão sobre votar é uma questão de consciência, cabendo ao indivíduo julgar sua atitude a partir dos ensinamentos bíblicos que recebeu. Na realidade, os membros das igrejas são pressionados para se absterem desses assuntos, podendo ser desassociados caso insistam neles.

6 Podemos inferir que são mais simpáticas com regimes monárquicos e avessas à democracia.

7 A Sociedade Torre de Vigia deixou de dar nomes aos autores dos livros que publica. Essa prática tem sido comum desde a década de 1940, principalmente nas publicações consideradas oficiais da organização, como as revistas *A Sentinela* e *Despertai!*. A justificativa dada é que, como as publicações são consideradas um produto coletivo, o mérito deve ser atribuído à organização como um todo, e não a indivíduos específicos.

no serviço do Senhor. Mas o irmão Rutherford era genuinamente humilde diante de Deus... (p.106).

Há a expectativa que o estabelecimento do Reino de Deus leve a uma guerra contra os governos deste mundo. Será um tempo de aflição. Mentiras espalhadas por Satanás e seus seguidores que envenenarão os líderes políticos das nações. Ao fim da contenda, o Governo de Deus será o único vitorioso. O melhor que a humanidade já teve.

Mesmo acreditando que os governos humanos são controlados por Satanás, as Testemunhas de Jeová não pregam a desobediência civil. Não incentivam rebeliões, nem o desrespeito à autoridade governamental. Com exceção as leis que conflitariam com as ordens de Jeová, como o serviço militar ou a tentativa de obrigar uma transfusão de sangue. A obediência e a ordem são valores de primeira grandeza. Não se recusam, portanto, a pagar impostos, o que podemos concluir que, para elas, os governos têm ainda alguma legitimidade.

As concepções religiosas são capazes de inspirar diversas posturas diante do mundo. Weber (2004) argumentava que as religiões podem influir de forma decisiva em transformações históricas. Ele elaborou uma tipologia dos ideais místicos e ascéticos – que podem ser encontrados em diferentes religiões. O primeiro está ligado à atitude contemplativa do universo; não elabora a ideia de Deus em termos personalizados. Seus interesses estarão voltados transcendentalmente para fora do mundo. De modo oposto, no ascetismo ativo as ações direcionam-se para dentro do mundo, numa tentativa de dominar e controlar o que há de mau através do trabalho.

É curioso como As Testemunhas de Jeová ao mesmo tempo em que rejeitam o mundo, estão ocupadas num processo intenso de propaganda e pregação de suas ideias teológicas; sobretudo, por meio de trabalho de campo e da distribuição gratuita de livros, brochuras, revistas e estudos bíblicos domiciliares.

Entre os membros da religião, existe pouco conhecimento sobre a história da igreja e a política interna – algo geralmente percebido como inexistente. Isso tende a se agravar entre os mais jovens. Com a doutrina da teocracia os anciãos deixaram de ser eleitos diretamente pelos membros das congregações, o poder central recrudescer se tornando discricionário e oligárquico. Atualmente o comando central da organização pertence ao Corpo Governante – uma espécie de “comitê executivo” composto por nove pessoas. A escolha de um novo membro é feita exclusivamente pelo próprio Corpo Governante. É de sua inteira responsabilidade administrar a organização; tomar medidas em situações de

perseguição política; produzir livros e revistas; criar ou desfazer dogmas doutrinários e controlar as finanças.

Apenas quem faz parte da classe dos ungidos pode aspirar ingressar no Corpo Governante. As Testemunhas de Jeová dividem os Escolhidos em duas classes distintas: a grande multidão e a pequena multidão. É necessário compreender essa distinção. Os que integram a primeira estão destinados a viver no paraíso terrestre, após a colheita do Armagedom. Enquanto o pequeno rebanho será arrebatado para o céu e irá compor com Jesus Cristo o governo Celestial. São ao todo cento e quarenta e quatro mil ungidos, entre eles os apóstolos de Jesus. Desde a segunda volta de Cristo, que as TJ dizem ter ocorrido em 1914, os ungidos são ressuscitados automaticamente após a morte. Os demais mortos só terão o privilégio de uma nova vida após a restauração do paraíso.

Vejamos o que diz o livro, publicado pela Sociedade Torre de Vigia, **O Que a Bíblia Realmente Ensina?**:

(...) Quem são os 144 mil? O próprio João informa: “esses são os que estão seguindo o Cordeiro para onde quer que ele vá. Foram comprados dentre a humanidade como primícias para Deus e o Cordeiro”. (Apocalipse 14:1,4) Sim, eles são seguidores fiéis de Jesus Cristo, escolhidos especialmente para governar com ele no céu. Depois de serem ressuscitados para vida celestial eles reinarão sobre a terra junto com Jesus. (Apocalipse 5:10) Desde o dia dos apóstolos, Deus seleciona cristãos fiéis para completar o número dos 144 mil (p.78).

A instituição do Corpo Governante sofreu transformações estruturais ao longo do tempo, se tornando progressivamente menos democrática. Após uma reforma ocorrida em 1944, ele passou a ser composto por um número que variou entre 300 a 500 membros, incluindo representantes de vários países. O atual arranjo, com nove integrantes, instituiu a regra dos cargos vitalícios e o pré-requisito sagrado da unção. Em outras palavras, só os integrantes da pequena multidão podem fazer parte do Corpo Governante.

Existe uma regra que diz que qualquer alteração doutrinária precisa ser aprovada por dois terços do Corpo Governante. Eles não se dizem inspirados por Deus, como os autores da Bíblia, mas argumentam que o seu entendimento sobre a verdade bíblica é sistematicamente aumentado. Isso é importante para justificar qualquer possível alteração doutrinária, como a que ocorreu, por exemplo, com a profecia de 1914⁸.

⁸ As Testemunhas de Jeová esperaram que o fim do mundo acontecesse respectivamente em 1914, 1915, 1925, 1975. A cada erro foi preciso criar uma nova justificativa ad hoc.

O Corpo Governante é considerado pelas Testemunhas de Jeová o Escravo Fiel e Discreto de Mateus 24⁹. Intermediário entre Jeová e a humanidade, responsável por prover alimento espiritual e harmonizar os ensinamentos da Bíblia. Serve na dianteira do povo de Deus, orientando seus passos e fortalecendo a sua fé.

Existiria uma única religião verdadeira: as Testemunhas de Jeová. A cristandade teria sido corrompida por valores e práticas pagãs e assim como as demais religiões do mundo oferece ensinamentos deletérios. Para designar o conjunto das religiões falsas, as Testemunhas de Jeová usam a expressão “Babilônia a Grande”.

O sentimento de superioridade em relação às demais religiões está baseado na ideia de que suas crenças e condutas morais são as únicas que estariam em conformidade com a Bíblia.

As TJs apelam para argumentos de que todos os ensinamentos providos pelo Corpo Governante seriam baseados exclusivamente nos textos sagrados¹⁰. O que abonaria sua veracidade. Não são, portanto, arbitrários ou invenção dos líderes da Igreja, mas a reprodução fiel dos conhecimentos divinos.

Pesaria ainda a favor das Testemunhas de Jeová o fato de adorarem exclusivamente a Deus, sendo as únicas a divulgarem seu glorioso nome. Jesus Cristo é um personagem importante para essa religião, mas nada comparável a Jeová. As TJs não acreditam na trindade, de modo que Jesus é considerado o filho primogênito de Deus. As Testemunhas de Jeová afirmam que só entre elas existiria amor verdadeiro e altruísmo. Essa marca de distinção moral é muitíssimo interessante. O amor verdadeiro e o altruísmo são vistos como monopólios da organização religiosa. Sentimentos fundados no temor a Deus e capazes de ultrapassar barreiras culturais, de nacionalidade e língua.

Você talvez já tenha se perguntado “por que Jeová precisaria de Testemunhas humanas?” Esta se tornou a questão religiosa fundamental, desde que Rutherford estabeleceu que a crença na vindicação do nome de Deus é mais importante que a fé no resgate¹¹. Oficialmente, em 1931, os Estudantes da Bíblia passaram a se chamar

9 Em Mateus 24: 45-47, Jesus diz: “Quem é realmente o escravo fiel e prudente, a quem o seu senhor encarregou dos seus domésticos, para lhes dar alimento no dia apropriado? Feliz daquele escravo se o seu Senhor, quando vier, o encontrar fazendo isso! Digo a verdade a vocês: Ele o encarregará de todos os seus bens”. O entendimento sobre quem é o escravo sofreu modificações. Charles Russell, por exemplo, já foi considerado tal Escravo.

10 Para que esse argumento tenha alguma força é necessário que aceitemos que a Bíblia é realmente a revelação divina, portanto, infalível. Suponho que não teria nenhum efeito positivo sobre hindus, budistas, agnósticos ou ateus.

11 Na visão de Charles Russell, fundador das Testemunhas de Jeová, o resgate era a questão fundamental, o que revelaria a bondade de Deus.

Testemunhas de Jeová. Em parte, uma tentativa de renovar a imagem da organização, que andava enfraquecida por disputas internas de poder e problemas relacionados com críticas ao envolvimento durante a Primeira Grande Guerra.

De um ponto de vista teológico, Jeová precisaria de Testemunhas porque a sua soberania foi contestada no Jardim do Éden. Por princípio, sua dominação seria universal e legítima, já que é o Criador de tudo o que existe. Sua administração essencialmente justa, amorosa e perfeita. Uma bênção para todos os humanos. As únicas coisas que exigiu em troca foi o amor incondicional e a obediência plena.

No antigo Jardim do Éden, Jeová deu uma ordem ao primeiro casal humano para que não comessem do fruto do conhecimento do bem e do mau. Eles desobedeceram. As Testemunhas de Jeová dizem se tratar de uma árvore real, mas que possuía o objetivo simbólico de demonstrar que a definição do que é bom e mau é prerrogativa divina. Não é dado a nenhum indivíduo escolher sobre essa matéria. A moral é algo que está muito além dos desejos. Caberia apenas aos seres humanos escolher se seguem o lado do bem ou do mal.

Para tal, fomos dotados de livre-arbítrio e racionalidade. Adão e Eva não agiram, portanto, contra a própria vontade ou estavam submetidos à força intangível do destino. Eles tinham plena responsabilidade sobre as próprias ações. É preciso notar que sistemas de castigos e recompensas tem como pressuposto algum grau de autonomia individual, já que não seria possível aplicar penas em pessoas que agissem como robôs. As desculpas são bons exemplos de como tentamos evitar repreensões, resultantes de comportamentos indesejáveis, afirmando que em certas circunstâncias não tínhamos completo controle sobre nossas ações.

É difícil pensar a ideia de pecado sem associá-la à capacidade de livre escolha. Bertrand Russell (1977) conta que a noção de pecado tem origens mais judaicas que gregas. Os antigos profetas judeus explicaram o período de cativo na Babilônia como um castigo divino, dado em retribuição à introdução de práticas pagãs. Inicialmente a noção de pecado era coletiva, o que duraria até os judeus caírem sob a dominação estrangeira. A partir daí passaria a predominar uma visão mais individualista do pecado.

As punições aconteceriam nessa vida como prova de que a prosperidade é fruto da virtude. Russell (1977) explica que esse pensamento com o tempo seria substituído. Com o aumento das perseguições na época dos Macabeus, ficou claro que os mais virtuosos eram os mais prejudicados. As recompensas e os castigos passariam para o pós-morte. Essa ideia seria incorporada pela igreja primitiva, sendo conservada até os nossos dias.

Segundo Voltaire (1998), não existe nenhuma referência ao pecado original no Pentateuco e nos Evangelhos. Entre os socinianos ou unitários¹², isto é, aqueles cristãos que rejeitam a crença na trindade, admitir o pecado original seria o mesmo que imputar a barbárie a Deus. Os antigos judeus consideravam essa história apenas uma fábula. Mas por reconhecerem seu potencial de perigo só permitiam a leitura do texto a partir dos 25 anos de idade.

A existência do pecado pressupõe pessoas que agem de maneira autônoma, regras morais e algum grau de compromisso individual com a sociedade que estima a regra violada – o que permitirá o aparecimento do sentimento de culpa. Esse sentimento não está fundado necessariamente no medo, mas no reconhecimento da própria indignidade ou abjeção.

É por isso, diz Russell (1977), que a desobediência só causaria remorso ou culpa, em outras palavras, só é encarada como pecado quando está relacionada a uma autoridade estimável e respeitada. Não haveria para um cristão devoto pecado maior que desobedecer e envergonhar a Deus.

As Testemunhas de Jeová creem que a soberania de Deus foi contestada no Jardim do Éden por Satanás que colocou em dúvida a legitimidade do governo de Jeová. Ao comerem o fruto do conhecimento, Adão e Eva, ludibriados pelo Demônio¹³, almejavam ser como Deus. Teria Deus realmente o direito de governar os humanos? O seu governo é mesmo bom e justo? Seríamos capazes de conduzir autonomamente as nossas vidas? Nossa fidelidade para com o Criador resistiria a qualquer espécie de teste?

O sofrimento seria a prova cabal de que somos incapazes de nos autogovernar. Todos os governos e sistemas políticos fracassaram na tentativa de garantir segurança e felicidade. Guerras, desastres naturais, fomes, injustiças sociais, conflitos étnicos, doenças, morte e envelhecimento se acumulam ao longo da história humana – desde que a soberania de Deus foi colocada em dúvida.

As Testemunhas de Jeová frisam que com a desobediência do primeiro casal humano, Satanás, o Diabo, contestou a soberania de Jeová e não o seu poder – que sabia ser infinito. A rebelião contra Deus visava questionar a sua legitimidade enquanto governante soberano do universo. Satanás teria dito que o melhor para a humanidade é

12 As Testemunhas de Jeová são unitárias.

13 A Serpente (Satanás) diz a Eva sobre comer o fruto: “Vocês certamente não morrerão. Pois Deus sabe que, no mesmo dia que comerem dele, seus olhos se abrirão e vocês serão como Deus, sabendo o que é bom e o que é mau”. (Gênesis, 3 : 4-5).

viver de maneira autônoma, livre da submissão a Deus, acusando Jeová de ser um péssimo governante e de querer privar as pessoas do bem.

A noção de testemunha assumiria nesse contexto uma conotação jurídica. As Testemunhas de Jeová seriam as responsáveis por ratificar para a humanidade e os seres espirituais que a rebelião contra Deus é um retumbante fracasso. Além de demonstrarem que é possível ser fiel e obediente às ordens divinas, sob quaisquer circunstâncias.

Apesar de surgirem oficialmente na forma de organização durante a modernidade, individualmente, as Testemunhas de Jeová argumentam que elas existem desde os tempos mais remotos. Abel é identificado como a primeira testemunha; Noé, Enoque, Moisés e Jó também teriam sido testemunhas zelosas e obedientes.

O livro **Proclamadores do Reino**, publicado pela Sociedade Torre de Vigia, deixa bem claro o que pensam a respeito de Abel:

Em Hebreus 11: 4, Paulo identifica Abel como a primeira testemunha de Jeová, dizendo: “Pela fé Abel ofereceu a Deus um sacrifício de maior valor que Caim, sendo por esta fé que lhe deu testemunho de que era justo, dando Deus testemunho com respeito a suas Dádivas; e por intermédio dela, embora morto, ainda fala”. De que modo serviu Abel como testemunha em favor de Jeová? A resposta gira em torno da razão pela qual o sacrifício de Abel era de “mais valor” do que o de Caim (p. 13).

O problema da soberania seria a chave para explicar o sofrimento humano e a aparente insensibilidade de Deus diante dele. As Testemunhas de Jeová pensam que num futuro próximo o sofrimento desaparecerá e a justiça reinará plenamente. Antes é preciso que não reste nenhuma dúvida sobre o equívoco de Satanás.

Na modernidade a contestação da soberania de Jeová foi recolocada à prova com mais energia. A sociedade ocidental passou por transformações radicais. Com a ascensão da ciência, outras formas de explicação para o aparecimento da vida e do universo ganharam força. O processo de secularização e desencantamento do mundo fizeram da política e da religião duas esferas distintas; o domínio da economia de mercado capitalista elevou o dinheiro à condição de motor do novo sistema e o indivíduo passou a ser mais importante que a comunidade.

Desse modo, a conquista da salvação e da felicidade eterna pressuporia, para as TJ, um pacto no qual cada indivíduo abriria mão da liberdade de estabelecer um projeto para a própria vida, submetendo-se integralmente à autoridade de Deus. Uma escolha que implica em rígida disciplina e autocontrole. A intenção é fazer cair por terra a ideia de que o “bom” e o “mau” são conceitos relativos que teriam como base os nossos desejos e a utilidade. O bem, portanto, é aquilo que obtemos quando assumimos a conduta correta que,



para as Testemunhas de Jeová, será a mesma para todas as épocas, culturas e sociedades. Ideias que estão na base de sua rejeição à política e ao capitalismo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A doutrina dos três instrumentos do diabo deve ser vista numa perspectiva mais ampla que rejeita a autonomia individual, a reflexividade e os valores da modernidade. Não se trata, porém, de um apego ao tradicionalismo ou de uma volta irracional ao passado. É preciso destacar como ela se insere no contexto de uma sociedade secularizada e fragmentada. Na medida em que fomos sendo retirados de uma sociedade da “atribuição” e lançados numa sociedade da “realização”, surgiram efeitos importantíssimos sobre a vida social, entre eles o aumento da insegurança e da relativização dos valores. As pretensões de traçarmos projetos para toda a vida também foram se tornando cada vez mais difíceis. A resposta das Testemunhas Jeová indicam um caminho para unidade, a estabilidade e a segurança, ao mesmo tempo em que implicam uma visão alternativa à modernidade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

ARENDT, Hannah. **“A Vida do Espírito”**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BERGER, Peter L. **Dossel Sagrado: Elementos para uma Sociologia da Religião**. São Paulo: E. Paulinas, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**. Porto Alegre: Zouk, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CHAUÍ, Marilena. Fundamentalismo religioso: a questão do poder teológico-político. In: **Filosofia Política Contemporânea. Controvérsias sobre Civilização, Império e Cidadania**. Atílio A. Boron, Buenos Aires, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO. São Paulo, Departamento de Ciência Política. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2006.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Transformação da Intimidade**. São Paulo: Unesp, 2003.



MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1960.

PANASIEWICZ, Roberlei. Fundamentalismo Religioso: **História e Presença no Cristianismo**. HTTP:// [On Line] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/panasiewicz-roberlei.pdf>

PENTON, M. James. **Apocalipse Adiado: A história das Testemunhas de Jeová**. Toronto: University de Toronto Press, 1997.

RUSSELL, Bertrand. **Ética e Política na sociedade humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

RUTHEFORD, J.F. **Riqueza**. Brooklyn: Watch Tower Bible And Tract Society, 1936.

RUTHEFORD, J.F. **Milhões Que Agora Vivem Jamais Morrerão**. Rio de Janeiro: International Bible Students Association, 1923.

SIMMEL, Georg. “**O dinheiro na cultura moderna**”. In: Jessé Souza e B. Oelze, orgs. *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora da UNB, 1998.

WEBER, Max. **Ciência e Política: duas vocações**. (2003) São Paulo: Martin Claret.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito Capitalista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LIVROS PUBLICADOS PELA SOCIEDADE TORRE DE VIGIA SEM AUTORES DEFINIDOS:

COMO TER A VERDADEIRA PAZ E FELICIDADE. São Paulo, Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2009.

ESTUDO PERSPICAZ DAS ESCRITURAS: Vol. 1 Aará – Escrita. São Paulo, Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1993.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ: Proclamadores do Reino. São Paulo, Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1998.

RACIOCÍNIOS À BASE DAS ESCRITURAS SAGRADAS. São Paulo, Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1989.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

CAPITALISMO, POLÍTICA E RELIGIÃO: TESTEMUNHAS DE JEOVÁ E A REVOLTA CONTRA A MODERNIDADE

Estevam Dedalus Pereira de Aguiar Mendes

Doutor em Ciências Sociais

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Natal, Brasil

estevam_dedalus@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0001-8868-8441>

AGRADECIMENTOS



Ao meu orientador, Orivaldo Pimentel Lopes Junior, pela contribuição intelectual e a CAPES pelo financiamento da pesquisa.

FINANCIAMENTO

CAPES

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO

Recebido em: 08/05/2023

Aprovado em: 13/08/2023

